

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

7.º PRÉMIO INTERNACIONAL SUGGIA/CASA DA MÚSICA
PROVA FINAL

Carlos Izcaray direcção musical

Finalistas

João Pedro Gonçalves violoncelo
Konstanze Pietschmann violoncelo

1 Jul 2022 · 21:00 Sala Suggia

SUGGIA



casa da música

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA





Leia o código QR e veja as entrevistas com o maestro Carlos Izcaray e com todos os participantes da 7.ª edição do Prémio Internacional Suggia/Casa da Música.

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



JÚRI

Marc Coppey · Maria de Macedo · Pavel Gomziakov · Carlos Izcaray

1ª PARTE

Antonín Dvořák

Concerto para violoncelo e orquestra em Si menor, op. 104 (1895; c.40min)

1. Allegro
2. Adagio ma non troppo
3. Finale: Allegro moderato — Andante — Allegro vivo

Solista: **João Pedro Gonçalves**

2ª PARTE

Robert Schumann

Concerto para violoncelo e orquestra em Lá menor, op. 129 (1850; c.25min)

1. Nicht zu schnell [Não muito rápido] —
2. Langsam [Lento] —
3. Sehr lebhaft [Muito animado]

Solista: **Konstanze Pietschmann**

Cerimónia de atribuição do Prémio

Apresentação por Rita Moreira

Guilhermina Suggia nasceu na freguesia de S. Nicolau, no Porto, a 27 de Junho de 1885. O seu pai, Augusto de Medim Suggia, tinha sido violoncelista do Real Teatro São Carlos e leccionava música em Matosinhos. Foi ele o primeiro professor de Guilhermina. Aos 7 anos apresentou-se pela primeira vez em público e aos 13 integrou o célebre Quarteto Moreira de Sá. Em 1901 foi-lhe concedida uma bolsa de estudos, atribuída pela Rainha D. Amélia, que lhe permitiu estudar com Julius Klengel no Conservatório de Leipzig, na Alemanha. Dois anos mais tarde alcançou grande sucesso como solista com a Orquestra da Gewandhaus sob a direcção de Arthur Nikisch.

Durante sete anos (1906-13), Guilhermina Suggia viveu com Pablo Casals, em Paris, na Vila Molitor. Formaram o célebre 'duo ibérico' aclamado em toda a Europa. Em 1914 instalou-se em Inglaterra. Era já uma intérprete consagrada e começou a passar longas temporadas naquele país, recolhendo os maiores elogios da crítica internacional. A sua arte ficou igualmente registada em disco, tornando-se uma das raras mulheres do seu tempo a fazer carreira internacional como solista.

No final dos anos quarenta, assumiu a direcção do naipe dos violoncelos da recém-criada Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, desempenhando um importante papel pedagógico. Já atingida pela doença que lhe poria termo à vida, foi pela última vez aplaudida pelo público inglês num concerto em Bournemouth, a 22 de Outubro de 1949. Legou os seus dois instrumentos predilectos, um Stradivarius e um Montagnana, para que a sua venda pública constituísse um fundo para premiar os melhores alunos de violoncelo da Royal Academy of Music de Londres e do Conservatório de Música do Porto, respectivamente. Faleceu no Porto a 30 de Julho de 1950.

O **Prémio Internacional Suggia/Casa da Música** foi instituído em 2009, dando uma dimensão internacional ao legado de Guilhermina Suggia ao acolher jovens violoncelistas nomeados em representação dos mais prestigiados conservatórios e escolas superiores de música da Europa. Após as primeiras provas de recital, na qual participaram cinco candidatos, dois violoncelistas disputam a prova final em concerto com a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música. Os vencedores das primeiras seis edições foram Konstanze von Gutzeit (2009), Michael Petrov (2011), Ivan Karizna (2013), Stéphanie Huang (2015), Jonas Palm, Nadja Reich (2017) e Elia Cohen-Weissert (2019). O Prémio Internacional Suggia/Casa da Música, atribuído com o apoio do BPI, tem o valor de 8.000 € e inclui um concerto com a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música na temporada subsequente à obtenção do Prémio.

Antonín Dvořák

NELAHOZEVES (BOÉMIA), 8 DE SETEMBRO DE 1841
PRAGA, 1 DE MAIO DE 1904

Concerto para violoncelo e orquestra em Si menor, op. 104

Em 1892, a convite de Jeannette Thurber, fundadora do Conservatório Nacional de Música da América, em Nova Iorque, Dvořák assumiu a direção da instituição, abandonando a docência no Conservatório de Praga. A estadia nos Estados Unidos da América foi particularmente prolífica no âmbito do ensino, da direção de orquestra e da composição, levando-o a privar com a elite cultural e intelectual. Em Março de 1894, assistiu à estreia do Segundo Concerto para violoncelo e orquestra de Victor Herbert, seu colega no Conservatório, constatando as possibilidades do instrumento no lugar do solista — até então, considerara-o mais adequado para a música de câmara. A ideia de compor um concerto para violoncelo não era, no entanto, nova para Dvořák, que esboçara em 1865 um concerto dedicado ao violoncelista Ludevít Peer, mas que não chegou a orquestrar. Entusiasmado pelo violoncelista checo Hanuš Wihan, a quem já dedicara o *Rondó* op. 94, em Novembro de 1894 iniciou a composição do Concerto para violoncelo op. 104. Ao longo do processo, recorreu várias vezes à opinião de Wihan, a quem dedicou a obra.

O Concerto op. 104 foi terminado em Fevereiro de 1895, em Nova Iorque, mas sofreu ainda uma revisão final quando Dvořák chegou à Boémia. A estreia teve lugar no Queen's Hall, em Londres, quase um ano depois, a 19 de Março de 1896, pela London Philharmonic Society dirigida pelo compositor. Na primeira apresentação pública, não foi Wihan que estreou a obra, mas sim o violoncelista inglês Leo Stern.

O Concerto op. 104 apresenta uma estrutura em três andamentos revelando uma escrita orquestral intensa e pautada por grandes efeitos dramáticos. O primeiro andamento inicia-se com o principal motivo rítmico-melódico exposto pelos clarinetes, e depois pela orquestra, de modo intenso e trabalhado com diferentes sonoridades. Segue-se o segundo tema pela trompa, juntando-se depois o clarinete, o oboé e a orquestra. O violoncelo surge repetindo o primeiro tema e revelando de forma assaz vigorosa a sua capacidade como solista. O jogo entre a orquestra e o violoncelo, explorando a paleta sonora e efeitos de ambos, encontra-se presente ao longo do andamento, sobretudo através da liberdade criativa com que é tratado o motivo principal, lançando o solista num caminho de constante exploração. A intensidade do conjunto orquestral e do violoncelo é crescente à medida que o final do andamento se aproxima, terminando de forma triunfal.

Introduzindo um contraste, o segundo andamento conduz-nos por uma paisagem sonora mais meditativa e pastoral, iniciada pelo clarinete, juntando-se depois os fagotes e os oboés, que antecedem a entrada do violoncelo. A secção intermédia, um pouco mais dramática, antecede a cadência do violoncelo e a coda final, num ambiente calmo.

O último andamento, um rondó marcial, é particularmente rico no tratamento motivico e temático. O tema principal é apresentado pela orquestra e depois pelo solista, revelando um carácter acentuado, ao qual se segue um momento mais contemplativo, antes de surgir o tema principal do “Allegro” inicial. Ao longo do andamento, o solista tem várias oportunidades de revelar o domínio do instrumento e, sobretudo, de percorrer um caminho de intenso virtuosismo que contrasta, por exemplo, com momentos de lirismo quase contemplativo,

como na coda. O final, após uma nota pedal longa, faz emergir o *tutti* orquestral em *fortissimo*, de modo triunfante.

PEDRO RUSSO MOREIRA

Nota ao programa gentilmente cedida
pela Fundação Calouste Gulbenkian

Robert Schumann

ZWICKAU, 8 DE JUNHO DE 1810

ENDENICH, 29 DE JULHO DE 1856

Concerto para violoncelo e orquestra em Lá menor, op. 129

Robert Schumann foi um dos principais expoentes do Romantismo musical, tendo-se destacado sobretudo pelo contributo que deu à música para piano e ao *Lied* germânico. Cedo revelou o seu interesse pela música e pela literatura, o que o levaria a desenvolver um estilo composicional profundamente marcado por modelos literários, cujas implicações se observam não só na sua produção *liederística* mas também na própria música instrumental. A música com orquestra contava-se também entre os seus interesses enquanto compositor, mas só a partir de 1839 começou a dedicar-se a ela mais seriamente. Um episódio determinante nesse sentido terá sido certamente a sua nomeação como director de orquestra municipal em Düsseldorf, em 1850, cidade para onde se mudou com a família em Setembro desse ano, após um período de insatisfação com a vida musical de Dresden. De facto, nos três meses seguintes, Schumann viria a completar duas das suas principais obras orquestrais: a Sinfonia n.º 3, em Mi bemol maior, op. 97, *Rena-na*, e o Concerto para violoncelo e orquestra, em Lá menor, op. 129. Composto no espaço de apenas duas semanas em Outubro desse ano,

este concerto seria depois alvo de algumas revisões até à sua publicação em 1854, tendo a estreia ocorrido a 23 de Abril de 1860, em Oldenburg. Apesar de hoje ser considerada uma obra central no repertório do instrumento, a sua recepção inicial não foi particularmente positiva, o que terá sido devido em boa parte à sua natureza predominantemente introspectiva e ao reduzido espaço concedido à exibição virtuosística do solista. Mas o compositor não deixou de explorar o instrumento ao máximo, mantendo a orquestra num plano secundário que permite que o solista projecte todo o seu lirismo.

O primeiro andamento, “Nicht zu schnell”, abre com três acordes nas madeiras que desde logo enunciam um importante motivo, ao que se segue imediatamente, sem a tradicional exposição orquestral dos temas principais, a entrada em cena do violoncelo solista com o primeiro tema, uma melodia marcada pela melancolia e pelo ardor característicos do imaginário do Romantismo musical. Um curto mas vigoroso episódio orquestral vem introduzir um novo tema, uma ideia mais apaixonada, em Dó maior, que integra o motivo inicial de três notas, e que é marcada pelas suas inflexões cromáticas e expressivos intervalos ascendentes, para além de um conciso ritmo de tercina. Esse mesmo ritmo assume um destaque considerável na secção de desenvolvimento, na qual a música se torna bastante mais tempestuosa, surgindo o primeiro tema na trompa em tonalidades remotas. A recapitulação pouco modifica o material da exposição, fluindo até que uma inesperada intervenção do solista opera a modulação e a transição para o segundo andamento, “Langsam”, em Fá maior. Este consiste essencialmente num curto episódio lírico que tem o violoncelo solista como grande protagonista, com uma linha melódica de

grande expressividade e delicadeza que paira sobre um elegante acompanhamento em *pizzicato*, destacando-se ainda o diálogo com um outro solista do naipe dos violoncelos. Depois de, numa seção central, o solista adornar essa melodia com cordas duplas, a orquestra recorda o tema que inaugurou o concerto e logo o solista inicia um recitativo, o qual, cada vez mais agitado, abre com determinação o caminho para o *finale*. O terceiro e último andamento, “*Sehr lebhaft*”, novamente em Lá menor, é um resolutó rondó em que o solista, depois da introversão que caracterizou os andamentos anteriores, tem a possibilidade de demonstrar outra vertente das suas competências, não obstante a abominação do compositor pela ostentação virtuosística. São apresentados dois temas contrastantes, um primeiro mais determinado e um outro mais intimista, em que se destaca o diálogo entre o violoncelo e as madeiras, continuando as reminiscências do primeiro andamento a pontuar o fluxo do discurso. A cadência em que tradicionalmente cabe ao solista exibir o seu virtuosismo surge perto do final deste andamento, com a peculiaridade de incluir um acompanhamento orquestral, conduzindo a uma curta coda que encerra o concerto com vigor.

LUÍS MIGUEL SANTOS

Carlos Izcaray direcção musical

Carlos Izcaray é Director Musical da Sinfónica do Alabama (desde 2015) e da Sinfónica Americana de Jovens (desde 2016). Aclamado pela imprensa internacional como artista inspirador e espirituoso, que dirige a orquestra com apurada sensibilidade, tem-se apresentado com inúmeros agrupamentos tais como as Sinfónicas do Pacífico, de St. Louis, da Carolina do Norte, de Grand Rapids, de Kitchener-Waterloo, de Forth Worth, de Malmö, do Porto Casa da Música, da Bahia, da Colômbia, da Venezuela e Municipal de Caracas; as Filarmónicas de Naples, Arturo Toscanini, Bogotá, Kwazulu-Natal e Macedónia; as Orquestras de Câmara de Los Angeles, San Antonio e Lausanne; a Orquestra da Komische Oper Berlin, entre outras.

Um fervoroso adepto do apoio às novas gerações, Carlos Izcaray tem trabalhado com jovens talentos e importantes instituições musicais, entre as quais *El Sistema* no seu próprio país, a Filarmónica Joven de Colômbia, a Fundación Batuta, a Neojiba no Brasil, o Interlochen Center for the Arts, a London Schools Symphony Orchestra e a Cambridge University Music Society, onde também ministrou *workshops*.

Carlos Izcaray nasceu em Caracas, numa família com várias gerações de artistas, e tornou-se membro da Academia Americana de Direcção em Aspen. Frequentou a Interlochen Arts Academy (Michigan), a New World School of the Arts (Florida) e a Jacobs School of Music (Universidade de Indiana). Ganhou os prémios de topo no Festival de Música de Aspen 2007 e no Concurso Internacional de Direcção Toscanini 2008. É também um notável violoncelista: fez carreira como solista e músico de câmara e ocupou os cargos de Violoncelo Principal e

Presidente Artístico da Orquestra Sinfónica da Venezuela, antes de se dedicar a tempo inteiro à direcção.

João Pedro Gonçalves violoncelo

Conservatório Real de Bruxelas

Nascido em 2000, João Pedro Gonçalves começou a aprender violoncelo com Ana Cláudia Serrão, em Lisboa. Mais tarde prosseguiu estudos com Marco Pereira e Paulo Gaio Lima. Nos últimos anos tem tido a oportunidade de trabalhar com vários professores, tais como Kyril Zlotnikov, Marc Coppey e Gary Hoffman, e também com alguns dos maestros mais conceituados do mundo, incluindo Lorenzo Viotti, Giancarlo Guerrero, Gustavo Dudamel e muitos outros.

João Pedro Gonçalves tem obtido vários primeiros prémios: Concurso Capela, Concurso Nacional de Cordas Vasco Barbosa, Prémio Fundação Inatel e Prémio Jovens Músicos. Tocou enquanto solista com orquestras como a Orquestra Académica Metropolitana, a Camerata Atlântica, a Orquestra Gulbenkian, entre outras. Em Setembro de 2021, foi galardoado com o Prémio Maestro Silva Pereira — Jovem Músico do Ano. Actualmente estuda com Jeroen Reuling no Conservatório Real de Bruxelas e toca num violoncelo construído por Tanguy Fraval e cedido pelo Strings for Talent.

Konstanze Pietschmann violoncelo

HMT Felix Mendelssohn-Bartholdy de Leipzig

Nascida em 2000, em Leipzig, Konstanze Pietschmann teve a sua primeira aula de violoncelo aos 3 anos de idade com Gerda Scharf. Em 2016, foi admitida na Classe Preparatória de Anna Niebuhr na Universidade da Música e Teatro Felix Mendelssohn-Bartholdy em Leipzig, e participou com sucesso em vários concursos. Entre outros, recebeu o Prémio Jovem Talento da Orquestra Filarmónica Chursächsische, uma bolsa de estudos Jütting-Stiftung, o Prémio Jovem Talento Felix-Mendelssohn-Bartholdy, o 3.º Prémio no Concurso Internacional de Violoncelo Dotzauer e, recentemente, o 1.º Prémio no Concurso Internacional de Violoncelo “Anna-Kull” na Áustria.

Sendo a música de câmara uma das grandes paixões da jovem violoncelista, Konstanze Pietschmann tem participado em diversas formações no Porto, em Bolonha, em Addis Abeba, em Telavive e em Houston. A sua estreia como solista deu-se na Gewandhaus de Leipzig, com o Concerto para violoncelo de Robert Schumann, seguida de muitos concertos com agrupamentos como a Orquestra de Câmara Harleshäuser em Kassel e a Orquestra Filarmónica de Graz na Áustria. Em Outubro de 2021, interpretou a Sonata em Lá maior de Beethoven com o premiado ensemble de cordas LGT Young Soloists.

Konstanze Pietschmann estuda na classe de Peter Bruns desde 2018/2019. É membro da Associação Yehudi Menuhin Live Music Now Leipzig.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Christian Zacharias maestro convidado principal

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann e Philippe Manoury, a que se junta em 2022 a compositora Rebecca Saunders.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 actuou pela primeira vez na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2022, apresenta novas encomendas da Casa da Música aos compositores Rebecca Saunders, Philippe Manoury, António Pinho Vargas e Solange Azevedo. Nesta temporada, destaca-se ainda

a interpretação das óperas *Senza sangue* de Peter Eötvös e *O Castelo do Barba Azul* de Béla Bartók, numa sessão única com direcção do próprio Eötvös, e grandes obras corais-sinfónicas como o *Requiem* de Verdi e a *Grande Missa em Dó menor* de Mozart, ao lado do Coro Casa da Música.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017), Harrison Birtwistle (2020), Peter Eötvös e Magnus Lindberg (2021), além de gravações de dezenas de obras de compositores portugueses.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), sendo posteriormente criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adoptar a actual designação em 2010.

Violino I

Álvaro Pereira
Paula Carneiro*
Radu Ungureanu
Evandra Gonçalves
Roumiana Badeva
Tünde Hadadi
Vladimir Grinman
José Despujols
Ianina Khmelik
Emília Vanguelova
Alan Guimarães
Raquel Santos*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
Pedro Rocha
Francisco Pereira de Sousa
Lilit Davtyan
Domingos Lopes
Paul Almond
Nikola Vasiljev
Jorman Hernandez*

Viola

Mateusz Stasto
Isabel Pereira*
Anna Gonera
Rute Azevedo
Hazel Veitch
Biliana Chamlieva
Emília Alves
Luís Norberto Silva

Violoncelo

Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
Michal Kiska
João Cunha
Hrant Yeranossyan
Aaron Choi

Contrabaixo

Florian Pertzborn
Jorge Villar Paredes
Nadia Choi
Slawomir Marzec

Flauta

Ana Maria Ribeiro
Alexander Auer

Oboé

Tamás Bartók
Roberto Henriques

Clarinete

Carlos Alves
Gergely Suto

Fagote

Maria Castro*
Vasily Suprunov

Trompa

Nuno Vaz
José Bernardo Silva
Hugo Carneiro

Trompeta

Ivan Crespo
Rui Brito

Trombone

Severo Martinez
Rui Pedro Alves*
Nuno Martins

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Nuno Simões

*instrumentistas convidados

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA

